

FRENTE: PORTUGUÊS I

PROFESSOR(A): PAULO LOBÃO

ASSUNTO: COMPREENSÃO DE TEXTO

EAD – ITA/IME

AULA 16

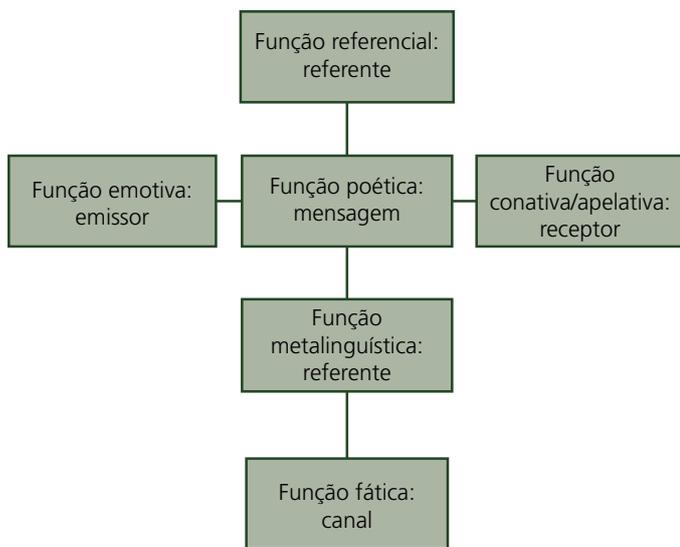


Resumo Teórico

Funções da linguagem

As funções da linguagem indicam o direcionamento da mensagem para um ou mais elementos do processo da comunicação. Qualquer produção verbal ou não verbal apresenta funções da linguagem.

A ênfase dada a um elemento do circuito de comunicação delimita a função de linguagem que lhe corresponde ou predomina, visto que um texto pode apresentar mais de uma função de linguagem.



- **Função referencial**

Também chamada de informativa, ou cognitiva, privilegia a informação, o contexto, objetivando a informação.

Exemplo:

As danças folclóricas constituem uma forma tradicional de dança recreativa do povo, tornando-se um importante componente cultural da humanidade. Muitas das danças folclóricas têm origens anônimas e foram passadas de geração para geração durante um longo período de tempo.

- **Função poética**

Essa função tem por objetivo transmitir uma mensagem elaborada, formalmente estruturada, por meio de combinações inovadoras das palavras, produzindo efeitos estéticos. A ênfase é dada à própria mensagem.

Exemplo:

Era um homem bem vestido
Foi beber no botequim
Bebeu muito, bebeu tanto
Que

*s*aíu
*d*e
*l*á
*a*s*s*i*m*.

Millôr Fernandes.
Trinta anos de mim mesmo, Nórdica.

- **Função emotiva ou expressiva**

A ênfase é dada no emissor, demarcando um tom confessional e subjetivo. O emprego da primeira pessoa do discurso é um fato linguístico que ratifica essa função. Um aspecto recorrente também é a presença de interjeições e de pontuação emotiva.

Exemplo:

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!
Que aurora, que Sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
[...]

Casimiro de Abreu.

- **Função apelativa**

Também chamada de conativa, tem como principal objetivo influenciar e persuadir o receptor, buscando mobilizá-lo a uma ação. Caracteriza-se principalmente por um tom imperativo, ou por noção volitiva, revelando assim uma vontade (“Por favor, eu gostaria que você se retirasse”).



Exemplo:



Função fática

A ênfase está no canal, seja para iniciar a transmissão da mensagem ou para assegurar a sua continuação. Essa função está nas fórmulas ritualizadas da comunicação.

Exemplo:



Função metalinguística

Tem como principal objetivo usar um determinado código para explicar esse próprio código. Assim, é a mensagem que fala de sua própria produção discursiva.

Exemplos:



La clairvoyance, ou A perspicácia, de René Magritte. Autorretrato do artista pintando um pássaro, 1936.

POESIA

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto, ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

Carlos Drummond de Andrade.



Exercícios

01. (Enem/2012)

DESABAFO

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado.

CARNEIRO, J. E. *Veja*, 11 set. 2002 (fragmento).

Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com o predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função da linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois

- A) o discurso do enunciador tem como foco o próprio código.
- B) a atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito.
- C) o interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem.
- D) o referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais.
- E) o enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

02. (Enem/2014)

O telefone tocou.
— Alô? Quem fala?
— Como? Com quem deseja falar?
— Quero falar com o sr. Samuel Cardoso.
— É ele mesmo. Quem fala, por obséquio?
— Não se lembra mais da minha voz, seu Samuel?
Faça um esforço.
— Lamento muito, minha senhora, mas não me lembro.
Pode dizer-me de quem se trata?

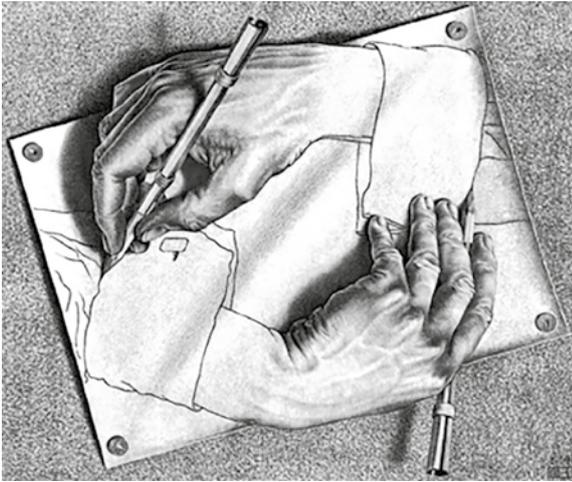
ANDRADE, C. D. *Contos de aprendiz*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

Pela insistência em manter o contato entre o emissor e o receptor, predomina no texto a função

- A) metalinguística.
- B) fática.
- C) referencial.
- D) emotiva.
- E) conativa.



03. (Fuvest) Observe esta gravura de Escher:



Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência,

- nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.
- nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.
- na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.
- na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.
- nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.

04. (UFV/2005) Leia as passagens abaixo, extraídas de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos:

- Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.
- Uma semana depois, à tardinha, eu, que ali estava aboletado desde meio-dia, tomava café e conversava, bastante satisfeito.
- João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante.
- Já viram como perdemos tempo em padecimentos inúteis? Não era melhor que fôssemos como os bois? Bois com inteligência. Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? Será? Não será? Para que isso? Procurar dissabores! Será? Não será?
- Foi assim que sempre se fez. [respondeu Azevedo Gondim] A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Assinale a alternativa em que ambas as passagens demonstram o exercício de metalinguagem em *São Bernardo*:

- III e V.
- I e II.
- I e IV.
- III e IV.
- II e V.

05. (PUC-SP/2001)

A QUESTÃO É COMEÇAR

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo numa livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde, como vai?” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever e na lamentável forma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar.

Assim fomos “alfabetizados”, em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. “Pare aí”, me diz você. “O escrevente escreve antes, o leitor lê depois.” “Não!”, lhe respondo, “Não consigo escrever sem pensar em você por perto, espiando o que escrevo. Não me deixe falando sozinho.”

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam assuntos. Termina-se sabe Deus onde.

MARQUES, M.O. *Escrever é Preciso*, Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1997, p. 13.

Observe a seguinte afirmação feita pelo autor: “Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol.” Ela faz referência à função da linguagem cuja meta é “quebrar o gelo”. Indique a alternativa que explicita essa função.

- Função emotiva.
- Função referencial.
- Função fática.
- Função conativa.
- Função poética.

06. (IBMEC/2006)

ME DEVOLVA O NERUDA (QUE VOCÊ NEM LEU)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda – prêmio Nobel, chileno, de esquerda – era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!! Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.

Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem – você e o diretor da revista –, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o padrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto.

Esperando que você já tenha lido o Neruda.

Mas aí você vai dizer assim: pô, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?

Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal *Última Hora*. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

*Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera. No me abandones. Sigueme,
Sigueme, compañera, en esa ola de angústia.
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.
Desculpe o mau jeito: tchau!*

PRATA, Mario. *Revista Época*. São Paulo. Editora Globo, Nº - 324, 02 de agosto de 2004, p. 99.

Relacione os fragmentos abaixo às funções da linguagem predominantes e assinale a alternativa correta.

- I. "Imagine a cena".
- II. "Sou um homem de sorte".
- III. "O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda?".

- A) Emotiva, poética e metalinguística, respectivamente.
- B) Fática, emotiva e metalinguística, respectivamente.
- C) Metalinguística, fática e apelativa, respectivamente.
- D) Apelativa, emotiva e metalinguística, respectivamente.
- E) Poética, fática e apelativa, respectivamente.

07. (Unifesp/2002)

Texto I:

Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.

Cruz e Souza, *Perante a morte*.

Texto II:

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!

Gonçalves Dias, *I Juca Pirama*.

Texto III:

Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos*.

Texto IV:

Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...

Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno*.

Texto V:

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ... Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Castro Alves, *O navio negroiro*.

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos linguísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- A) I e IV.
- B) II e III.
- C) II e V.
- D) III e V.
- E) IV e V.

08. (UFS)

DISPARIDADES RACIAIS

Fator decisivo para a superação do sistema colonial, o fim do trabalho escravo foi seguido pela criação do mito da democracia racial no Brasil. Nutriu-se, desde então, a falsa ideia de que haveria no país um convívio cordial entre as diversas etnias.

Aos poucos, porém, pôde-se ver que a coexistência pouco hostil entre brancos e negros, por exemplo, mascarava a manutenção de uma descomunal desigualdade socioeconômica entre os dois grupos e não advinha de uma suposta divisão igualitária de oportunidades.

O cruzamento de alguns dados do último censo do IBGE relativos ao Rio de Janeiro permite dimensionar algumas dessas inequívocas diferenças. Em 91, o analfabetismo no Estado era 2,5 vezes maior entre negros do que entre brancos, e quase 60% da população negra com mais de 10 anos não havia conseguido ultrapassar a 4ª série do 1º grau, contra 39% dos brancos. Os números relativos ao ensino superior confirmam a cruel seletividade imposta pelo fator socioeconômico: até aquele ano, 12% dos brancos haviam concluído o 3º Grau, contra só 2,5% dos negros.

É inegável que a discrepância racial vem diminuindo ao longo do século: o analfabetismo no Rio de Janeiro era muito maior entre negros com mais de 70 anos do que entre os de menos de 40 anos. Essa queda, porém, ainda não se traduziu numa proporcional equalização de oportunidades.

Considerando que o Rio de Janeiro é uma das unidades mais desenvolvidas do país e com acentuada tradição urbana, parece inevitável extrapolar para outras regiões a inquietação resultante desses dados.

Folha de São Paulo, 9. de jun. de 1996. Adaptado.

Considerando as funções que a linguagem pode desempenhar, reconhecemos que, no texto acima, predomina a função

- A) apelativa: alguém pretende convencer o interlocutor acerca da superioridade de um produto.
- B) expressiva: o autor tenciona apenas transparecer seus sentimentos e emoções pessoais.
- C) fática: o propósito comunicativo em jogo é o de entrar em contato com o parceiro da interação.
- D) estética: o autor tem a pretensão de despertar no leitor o prazer e a emoção da arte pela palavra.
- E) referencial: o autor discorre acerca de um tema e expõe sobre ele considerações pertinentes.

Texto

A DEVASSA DA DEVASSA

Provei a cerveja Devassa num dia no aeroporto. Mas, quando vi na TV sua propaganda com uma norte-americana rica que deve a fama a um vídeo pornô que circulou na internet, achei de mau gosto e perdi a simpatia pela bebida. Ponto. Agora, quando o Conar retirou a propaganda do ar, vale a pena discutir um pouco o assunto.

O Conar (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) é um órgão privado, que nada tem a ver com o governo. Numa pesquisa de 2000, analisei alguns de seus julgamentos e notei uma certa contradição. Quando o Conselho de Enfermagem reclamou de quatro propagandas mostrando enfermeiras como mulheres fáceis, o Conar concordou, e as publicidades sumiram. Já quando psicólogos reclamaram duas vezes porque sua profissão era ridicularizada, o Conar disse que as propagandas eram, só, engraçadas. Em suma, onde para uns há humor, para outros há preconceito; mas a linha de corte depende, muito, do grau de mobilização dos que se sentem ofendidos.

A questão do humor ou do preconceito é ponto em que a publicidade converge com uma preferência dos jornalistas que tratam de entretenimento e variedades: segundo eles, o politicamente correto se distinguiria pela falta de humor.

“Politicamente correto” é um termo pejorativo, usado para criticar a preocupação, nascida nos EUA, de movimentos sociais com expressões que depreciam grupos historicamente perseguidos. Por exemplo, os verbos denegrir e judiar vêm do preconceito contra negros e judeus – embora ninguém pense nisso hoje, quando os usa.

É difícil, mas necessário, separar o que é justo, para combater preconceitos de largas raízes históricas. Denegrir, judiar, humor negro não me parecem exprimir, hoje, preconceito. Tampouco vejo problema em piadas de loira, de português, de papagaio e do Juquinha. Já afirmar que “o asfalto é o preto de quem todo mundo gosta”, como disse um ministro dos Transportes em 1997, é grave. E o é justamente porque o ministro o disse sem maldade: mostra que em nossos costumes há brincadeiras preconceituosas que rotulam negativamente grupos discriminados. Sem o “politicamente correto”, isso passaria batido.

A propaganda da Devassa recorda que, na TV brasileira, a publicidade de cerveja a alia a mulheres gostosas. Lembro uma publicidade que fazia um corpo feminino tornar-se garrafa de cerveja. Mulheres são convertidas em coisa, em objeto de consumo? São, sim.

Nas relações macrossociais, justiça não se dá, não se recebe passivamente, mas se constrói. Por isso, se as mulheres recusam o papel de objeto, a decisão do Conar pode ser uma conquista delas. Contudo, para várias mulheres, tornar-se objeto não é redução, mas aumento, de poder.

É o que leva algumas ao *Big Brother Brasil*. Nos anos 90, a revista *Playboy* colhia suas capas nas novelas da Globo. Hoje, seu maior estoque é o *BBB*. Há décadas, a mulher que posava para calendários de borracharia saía mal na reputação. Mas, hoje, na mídia, é ela, como objeto de desejo, que controla o sujeito desejan- te.

O jogo ficou mais complexo. O sujeito não manda, necessariamente, no objeto. Há mulheres que extraem poder de uma condição de objeto habilmente constituída. Madonna explicitou isso com seus cliques, com seu livro *Sex*. O problema é que essa não é uma verdade universal nem majoritária. A mulher atacada sexualmente na rua não controla nada, não tem poder, é vítima de uma violência inadmissível. O problema é que há mais estupros do que capas de *Playboy*, de modo que o poder e a riqueza de algumas não apagam o abuso sobre muitas.

Renato Janine Ribeiro. “Mais!”, *Folha de S.Paulo*, 07 mar. 2010. Adaptado.

09. O autor defende a ideia de que

- A) a piada, quando leva ao riso, não deve ser considerada preconceituosa.
- B) é necessário distinguir humor de puro preconceito para evitar injustiças.
- C) é impossível evitar o preconceito, pois a própria língua é preconceituosa.
- D) não é possível discriminar o que é cômico do que é politicamente correto.
- E) a discussão sobre o que é ou não politicamente correto é desnecessária.

10. De acordo com o autor, a discussão acerca da cerveja Devassa tornou-se relevante assim que

- A) a experimentou no aeroporto.
- B) viu sua publicidade na TV.
- C) reconheceu sua garota propaganda.
- D) sua circulação foi proibida.
- E) sua propaganda foi suspensa.

11. Conforme o autor,

- A) as ações do Conar têm-se mostrado imparciais, embora seja um órgão privado.
- B) as decisões do Conar não devem ser acatadas, uma vez que não representam ações judiciais.
- C) o Conar subordina suas decisões à representatividade das reivindicações que chegam a esse órgão.
- D) o Conar precisa ser mais severo contra propagandas que expõem a mulher como objeto.
- E) o Conar age corretamente ao dar tratamento diferenciado a grupos com interesses distintos.

12. Ao ler o segundo parágrafo, pode-se concluir que os conceitos de humor e preconceito são

- A) equivalentes.
- B) categóricos.
- C) manipuláveis.
- D) anacrônicos.
- E) indubitáveis.

13. Segundo o texto, o “politicamente correto”

- A) é uma expressão típica do inglês americano e não se aplica à cultura brasileira.
- B) é um recurso linguístico utilizado com eficácia na luta contra o racismo.
- C) permite evitar construções ambíguas e mal entendidos entre grupos rivais.
- D) pode, em vez de esconder, evidenciar uma postura preconceituosa.
- E) está presente em piadas tradicionais brasileiras, como de loiras e portuguesas.

14. Para o autor, denegrir e judiar não parecem exprimir preconceito, pois
- A) essas palavras não foram criadas com a intenção de ridicularizar qualquer grupo social.
 - B) esses termos já saíram de circulação, sendo substituídos por vocabulário mais moderno.
 - C) o preconceito contra negros e judeus já foi superado, o que se percebe no uso da língua.
 - D) os usuários da língua não empregam essas palavras com seus significados originais.
 - E) esses termos são normalmente empregados em chistes, para provocar um efeito cômico.
15. O termo **devassa**, em sua primeira ocorrência no título, tem o sentido de
- A) confissão.
 - B) decadência.
 - C) conquista.
 - D) contribuição.
 - E) sindicância.
16. Ao avaliar a decisão do Conar sobre a publicidade da cerveja Devassa, o autor sugere que
- A) retirar a propaganda do ar é resultado de uma longa disputa de mulheres que, ao contrário de outras, não querem se submeter à condição de objeto.
 - B) essa decisão representa a vitória final do movimento feminista, que lutou até que a mulher deixasse de ser tratada como objeto na mídia brasileira.
 - C) a mulher já não exerce o mesmo poder de atração, por isso uma propaganda como a da Devassa é irrelevante para os telespectadores brasileiros.
 - D) a representação da mulher como objeto de desejo e de consumo já tem sido considerada ultrapassada na cultura brasileira.
 - E) relacionar propaganda com a vida real é um equívoco, visto que a publicidade lida com fantasia e não reflete os valores de uma sociedade.

Gabarito

01	02	03	04	05	06	07	08
B	B	D	A	C	D	C	E
09	10	11	12	13	14	15	16
B	E	C	C	D	D	E	A



Anotações

SUPERVISOR(A)/DIRETOR(A): MARCELO PENA – AUTOR(A): PAULO LOBÃO
naldo/REV.: Camilla